

ANÁLISE SEMIÓTICA DO POTENCIAL DIDÁTICO DE VÍDEO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Nadja Janke

Fernanda da Rocha Brando

Isadora Pontel de Almeida

Ana Maria de Andrade Caldeira

Programa de Pós – Graduação em Educação para a Ciência, UNESP.

Caixa Postal 473 - Campus

17033-360 – Bauru, SP, Brasil

Resumo

O presente trabalho de investigação teve como objetivo analisar o potencial didático do filme “Paisagem Brasileira”, de Haroldo Palo Junior, para Educação Ambiental. Utilizou-se para tanto a análise semiótica de Santaella (1983) referente ao filme e as concepções de um grupo de alunos do ensino médio sobre o vídeo. A pesquisa indicou ser o vídeo um material caracterizado como instrumento de sensibilização que pode motivar a ação intelectual, de reflexão, sobre a problemática ambiental.

INTRODUÇÃO

A educação ambiental vem firmando seu importante papel na contribuição da formação do indivíduo, para o exercício de sua cidadania.

A preocupação com a interferência humana no ambiente e suas conseqüências, já vem sendo tema de discussão desde a década de 60. Na conferência de Tbilisi (1975), a educação ambiental foi pensada no âmbito educativo, por meio de sua inserção no conteúdo e na prática escolar, orientada para a resolução de problemas concretos do meio, através de um enfoque interdisciplinar e de uma participação ativa e responsável de cada indivíduo e da coletividade. (DIAS, 2000)

As questões ligadas ao meio ambiente foram introduzidas no panorama de educação no Brasil por meio dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), como tema transversal, a ser trabalhado permeando todas as áreas do conhecimento escolar.

Tendo, portanto enfoque interdisciplinar, Sato (2003, p. 24), descreve que: “o ambiente não pode ser considerado um objeto de cada disciplina, isolado de outros fatores, ele deve ser abordado como uma dimensão que sustenta todas as atividades e impulsiona os aspectos físicos, biológicos, sociais e culturais dos seres humanos”. Ressalta que a inclusão da temática ambiental nos currículos escolares deve acontecer a partir de atividades diferenciadas, as quais possam conduzir os alunos a serem agentes ativos no processo de formação de conceitos.

Sendo o professor o mediador do processo de ensino e aprendizagem, cabe a ele propor novas metodologias que favoreçam a implementação da Educação Ambiental.

Nesta perspectiva o uso de materiais sobre os temas ambientais, em sala de aula no processo de ensino aprendizagem pode servir como fonte de informação. Nenhum deve ser utilizado com exclusividade. A diversidade entre esses materiais deve ser mais ampla possível. A utilização de materiais diversificados como revistas, jornais, propagandas, filmes, faz com que o aluno sinta-se inserido no mundo a sua volta. (BRASIL, 1997).

Assim, na sociedade atual, os meios de comunicação são grandes fontes de informação. Moran, et al (2000, p.33) descrevem que o conhecimento se dá

fundamentalmente no processo de interação, de comunicação, e a informação é o primeiro passo para conhecer. Enfatizam ainda a importância de integrar os meios de comunicação na escola, relatando que: “[...] os meios de comunicação, principalmente a televisão, desenvolvem formas sofisticadas multidimensionais de comunicação sensorial, emocional e racional, superando linguagens e mensagens que facilitam a interação com o público”.

Os mesmos autores defendem o uso integrado da televisão e do vídeo na educação escolar e, portanto, na educação ambiental, justificando que para o aluno, vídeo significa ‘descanso’ e não ‘aula’, modificando as expectativas em relação ao seu uso. Assim essa expectativa positiva pode ser aproveitada para atrair o aluno para os assuntos do planejamento pedagógico escolar e ainda para introduzir um novo assunto, despertando a curiosidade e a motivação para novos temas. “Televisão e vídeo partem do concreto, do visível, do imediato, do próximo – daquilo que toca os sentidos. Mexem com o corpo, com a pele... estão ao nosso alcance através dos recortes visuais, do close, do som estéreo envolvente” (MORAN, et al, 2000, p.37)

Os autores se referindo ainda ao potencial da televisão e vídeo, afirmam que estes exploram:

O ver, o visualizar, o ter diante de nós as situações, as pessoas, os cenários, as cores, as relações espaciais; desenvolvem um ver entrecortado – com múltiplos recortes da realidade – através dos planos, e muitos ritmos visuais: imagens estáticas e dinâmicas, câmera fixa ou em movimento, uma ou várias câmeras, personagens quietos ou movendo-se, imagens ao vivo, gravadas ou criadas no computador [...] são sensoriais, visuais, linguagem falada, linguagem musical e escrita. Linguagens que interagem superpostas, interligadas, somadas, não separadas. Daí sua força, atingem por todos os sentidos e de todas as maneiras. Televisão e vídeo combinam a comunicação sensorial-cinestésica, com audiovisual, a intuição lógica, a emoção com a razão. Integração que começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional. (MORAN, et al, 2000, p.37)

Além do que foi ressaltado, o vídeo, ou seja, as linguagens visuais, por serem dinâmicas e por estarem presentes no cotidiano das pessoas, despertam a sensibilidade anteriormente à razão. Segundo Moran (2000, p.39), “O jovem lê o que pode visualizar, precisa ver para compreender. Toda a sua fala é mais sensorial-visual do que racional e abstrata. Lê, vendo”.

A análise da linguagem visual também encontra fundamentação na visão da semiótica. Esta ciência que tem por objetivo de investigação todas as linguagens possíveis, que estuda os signos e suas conseqüentes produções de significação e de sentido, baseia-se na filosofia de Peirce. Fundamenta-se principalmente na categorização das diversas formas de linguagem em três modalidades possíveis de apreensão de todo e qualquer fenômeno: a primeiridade; a secundidade e a terceiridade. O primeiro nível é a categoria de apreensão imediata, a do primeiro contato com as coisas, uma forma rudimentar, vaga, imprecisa e indeterminada. A secundidade é caracterizada pela ação e reação ainda subliminar que as coisas podem provocar sem intencionalidade, sem que haja consciência crítica. O último nível, a terceiridade, corresponde à camada da inteligibilidade, ou seja, pensamentos em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. (SANTAELLA, 1983).

Referindo-se a aplicação prática da semiótica, Santaella, (2002, p.5), explica:

A teoria semiótica nos permite penetrar no próprio movimento interno das mensagens, no modo como elas são engendradas, nos procedimentos e recursos nelas utilizados. Permite-nos também captar seus vetores de referencialidade, não apenas a um contexto mais imediato, como também a um contexto estendido, pois em todo o processo de signos ficam marcas deixadas pela história, pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas econômicas, pela técnica e pelo sujeito que as produz.

Neste contexto, o vídeo, uma linguagem áudio-visual e, portanto, um signo, pode

ser utilizado na escola, como material didático sendo recurso informativo na abordagem dos temas transversais, no qual se inclui o tema meio ambiente.

No referente trabalho o filme “Paisagem Brasileira” de Haroldo Palo Júnior, serviu como objeto de pesquisa e análise a respeito de sua dimensão interpretativa, tanto no que diz respeito à análise semiótica específica deste vídeo, as concepções do autor ao fazer o vídeo e as de um grupo de adolescentes que o assistiu. O objetivo deste trabalho é analisar o potencial didático do filme Paisagem Brasileira de Haroldo Palo Júnior para a Educação Ambiental e como parte do processo educativo.

METODOLOGIA

O presente trabalho tem um caráter **investigativo** de ação educativa ambiental, conformando-se uma pesquisa do campo das ciências sociais e educação e, portanto, uma pesquisa de natureza qualitativa. Desta forma, este é um trabalho de Educação Ambiental que envolve alunos participantes de um projeto social de educação informal.

A pesquisa qualitativa é o instrumento metodológico indicado na investigação relacionada ao processo educativo. Esta é uma concepção metodológica que lida com as significações do comportamento humano individual e coletivo no âmbito sócio-cultural e busca o conhecimento verdadeiro e aprofundado da realidade. Assim, de acordo com Goldenberg (1999, p.18) as pesquisas de caráter qualitativo, no campo das ciências sociais lidam com emoções, valores e subjetividade. Segundo esse autor, para Weber: “O principal interesse da ciência social é o comportamento significativo dos indivíduos engajados na ação social, ou seja, o comportamento ao qual os indivíduos agregam significados considerando o comportamento de outros indivíduos”. (GOLDENBERG, 1999, p. 19).

O grupo no qual foi aplicado o vídeo se constitui de 26 adolescentes regularmente atendidos pelo projeto Criança 2000, no município de Bauru – SP. Visa instrumentalizar a criança para que possa ser o agente transformador de sua própria realidade fundamentando-se sobre a pedagogia progressista e a psicologia social. Oferece para a criança atendida, atividades de cunho educacional (educação ambiental, enriquecimento curricular, oficinas de jornalismo, artes e músicas) de formação humano-espiritual (psicologia social, vivência, esportes e odontologia) e pré-profissionalizantes (horticultura, marcenaria, nutrição, computação e jardinagem). As crianças atendidas pelo projeto Criança 2000 originam-se de famílias residentes na periferia da cidade, de classe sócio-econômica considerada baixa. São estudantes do ensino fundamental e médio, em faixas etárias compreendidas entre 11 (onze) e 17 (dezessete) anos, divididos em primeiro, segundo e terceiro níveis de acordo com o tempo de permanência no programa.

Partindo do contato com o texto A Eloquência das imagens em vídeos de Educação Ambiental, Santaella (2002), onde a autora faz uma análise semiótica de 35 vídeodocumentários, com finalidade educativa, destinados à Educação Ambiental, a convite do Instituto ECOAR para a Cidadania, identificamos o vídeo Paisagem Brasileira, de autoria de Haroldo Palo Júnior como um material ao qual tínhamos acesso. Dentre os vídeos analisados pela semiótica, este em especial, trata de imagens de natureza e músicas instrumentais, sem a utilização do recurso de locução. Desta forma se diferencia dos demais, caracterizando-se como uma material potencial para análise de sua ação pedagógica.

O vídeo foi então, aplicado em sua íntegra e por meio de questionário os alunos demonstraram suas impressões.

No questionário constaram as seguintes perguntas:

- 1 O que você sentiu ao ver o filme?
- 2 O que te chamou mais atenção no filme?

- 3 Liste o máximo de palavras relacionadas ao filme.
- 4 Faça uma breve análise crítica do filme, relacionada com as palavras já listadas.
- 5 Como você acha que o filme poderia ser utilizado?

A construção deste questionário se baseou na análise proposta por Santaella (2002), quando trata de um dos aspectos inerentes ao signo, que diz respeito à interpretação do espectador. A autora identifica dentro da categoria do interpretante dinâmico, três níveis: o efeito emocional; o energético; o lógico. A seqüência de perguntas procura identificar esses níveis.

Para melhor compreensão e análise do “signo” vídeo, buscamos também a visão do videasta que foi coletada por meio de entrevista semi-estruturada. Este método parte de um roteiro prévio, que serve para orientar o pesquisador, o que não impossibilita que novas questões sejam criadas redirecionando a entrevista. O roteiro constou de questões relacionadas aos temas escolhidos para a edição do vídeo, às músicas, às estratégias videográficas, a intencionabilidade do vídeo e às impressões pessoais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos resultados foi estruturada de acordo com a sistematização metodológica apresentada no capítulo 8 - A eloqüência das imagens em vídeos de Educação Ambiental do livro *Semiótica Aplicada*, Santaella (2002) e comparada à visão do autor do vídeo *Paisagem Brasileira* e também às respostas obtidas pelos alunos. Os pontos destacados na análise semiótica foram detectados nos depoimentos dos alunos e do autor do vídeo, permitindo organização em categorias de análise.

A eloqüência das imagens em vídeos de Educação Ambiental, Lúcia Santaella:

Inicialmente, o vídeo é classificado como um suporte videográfico fotográfico, pois é um registro de coisas, eventos e situações de fato existentes. Dessa forma é caracterizado como signo, que para tal deve ser constituído de um aspecto triádico: *objeto, referente do signo e interpretante*. Na metodologia de análise, na definição de Peirce, o signo pode ser analisado no aspecto do signo em si mesmo, nas suas propriedades internas ou seu poder de significação; na sua referência àquilo que ele indica, se refere ou representa; nos tipos de interpretação que ele tem o poder de despertar nos seus usuários. Esses três pontos podem se relacionar constituindo as faces: *de referência*, ou seja, o signo com aquilo que ele representa; *de significação*, aspectos internos do signo, como ele significa seu referente; *de interpretação*, relação do signo com o interpretante.

Na análise deste signo, ou seja, do vídeo, Santaella, (2002), considera essas faces e ainda desmembra-as em outras categorias.

1. Face de referência: dentro desta face existem três modos em que ou pelos quais os referentes estão presentes no vídeo:

1.1. O modo qualitativo: representa a qualidade interna do objeto, para que possa funcionar como signo, ou seja, como quali-signo. Dessa forma, com relação ao vídeo essas qualidades seriam: as tomadas, os enquadramentos, pontos de vista, movimento de câmera, duração das cenas, cortes e contrastes das imagens, música, etc.

1.2. O modo existencial: o fato do objeto em si existir no mundo, o caracteriza como signo. Este pode apontar para várias direções e quando aponta para o existente, caracteriza-se como sin-signo. Assim o aspecto existencial está diretamente relacionada às suas qualidades (quali-signo). As qualidades permitem que o signo se corporifique. No caso do vídeo essa

categoria está relacionada à duração do vídeo, ou seja, 60 minutos, que é a condição para determinação de seu uso dentro do processo educativo.

1.3. O modo genérico: o potencial de determinação do gênero ou classe ao qual o signo pertence. O legi-signo pode fazer referência a todos outros signos de um certo grupo. Dentro da classe de imagens videográficas, o Paisagem Brasileira, pode ser classificado de forma mais geral como informativo e educacional e mais especificamente como um vídeo poético.

2. Face de significação: nesta face o signo significa seu referente (objeto) por meio dos três aspectos presentes, apontados acima: qualidades (quali-signo), aspecto existencial (sin-signo) e lei que é portador (legi-signo). Assim passa a ter um caráter:

2.1. Icônico: quando o signo se refere às qualidades do objeto, exista ou não o objeto que ele representa. No vídeo Paisagem Brasileira, a iconicidade é muito forte, devido ao fato das imagens tematizarem os sons, é como som que as imagens se comportam – “[...], nesta fina orquestração em celebração do esplendor da natureza.” (SANTAELLA, 2002, p.126)

2.2. Indicial: quando o signo se refere ao aspecto de existência do objeto. A relação do signo com o objeto é direta. O signo representa o objeto existente, mas não por inteiro. No vídeo o aspecto indicial domina, pois mostra o que é real, o que existe de fato na natureza, mesmo que retrate apenas uma parte da realidade – “[...] a imagem grita a sua verdade. Foi a isto que decidi chamar de Eloqüência das imagens em vídeos de Educação Ambiental, que dá título a este capítulo. O real salta para fora dessas imagens e assalta a sensibilidade do espectador.” (SANTAELLA, 2002, p.127-128)

2.3. Simbólico: quando o signo se refere ao aspecto da lei que o objeto é portador. Aquilo que é culturalmente convencionado pela sociedade, normas e leis está representado na relação do signo com o legi-signo, caracterizando um símbolo. No vídeo este aspecto está presente nos “valores” de preservação, respeito à vida, no sentido genérico que a Educação Ambiental aborda.

3. Face de interpretação: esta face é dividida em níveis diferentes de realização:

3.1. Interpretante imediato: representa o potencial interpretativo do signo, ou seja, sua interpretabilidade. No caso dos vídeos o público alvo a que se destina.

3.2. Interpretante dinâmico: efeito efetivamente produzido em um intérprete pelo signo. Possui três subníveis:

3.2.1. Efeito emocional (primeiro nível): qualidade de sentimento que ele pode provocar no intérprete. No caso de Paisagem Brasileira a qualidade de sentimento, está em primeiro plano.

3.2.2. Efeito energético (segundo nível): provoca uma reação ativa, um esforço físico ou intelectual. No caso de um vídeo de Educação Ambiental tem a pretensão de despertar a responsabilidade ética do receptor, convocá-lo para a ação. No caso convocá-lo para a participação como relação às questões ambientais.

3.2.3. Efeito lógico (terceiro nível): regra interpretativa internalizada pelo receptor. No vídeo, o avanço do conhecimento sobre o meio ambiente e a colaboração para que haja conscientização do interpretante.

3.3. Interpretante final: resultado que o interpretante ativo deve chegar se a investigação sobre o signo for levada suficientemente longe. Esta fase é alcançada pelos semioticistas. O vídeo neste caso dever ser difundido para que haja interpretação ampla e constante, produzindo no receptor mudança de atitude, valores e exercício pleno de sua cidadania.

A partir da estrutura de Santaella (que chamaremos de sujeito 1) podemos encontrar pontos de comparação no depoimento do autor do vídeo (sujeito 2) como também nas respostas dos alunos aqui chamados de forma geral de sujeitos 3.

1.1. No modo qualitativo, dentro da face de referência (sujeito 1), detectamos no depoimento (sujeito 2) referências às qualidades internas do vídeo, ou seja, às estratégias usadas como: qualidade do som e escolha das imagens, edição:

“selecionando-se cada tema para uma música, então não é aleatório, cada música representa um ambiente, ou um conjunto de seres que tem uma relação entre si, por exemplo tem música que representa o cerrado, outra a mata atlântica, outra o pantanal e tem música que representa um conjunto de invertebrados e a vida deles”

Fala mais sobre a edição:

“Normalmente os temas começam apresentando o ambiente, apresenta o cenário, depois elementos daquela paisagem, seja botânica, ou seja animais, para depois mostrar aspectos da vida destes bichos e se possível pequenas histórias da vida deles, colocando 3 ou 4 cenas em seqüência, porque, com 3 cenas em seqüência do mesmo bicho, você já contou uma pequena história”

Faz uma relação da música como movimento de câmera, tipos de tomada:

“Eu achava que aquela música poderia se adaptar a uma seqüência de imagens deste tipo: mais fechadas, mais em detalhes... Enquanto que outra música já pede uma imagem mais panorâmica, mais paisagística. Então a primeira música, por exemplo, que se chama Prelúdio é uma música essencialmente paisagística, então todas as cenas são aéreas, a câmera está em movimento o tempo todo, conduzindo as pessoas pelos vários ambientes, normalmente voando muito baixo sobre a floresta, ou sobre o litoral, apresentando o cenário, ou seja, a primeira música apresenta o cenário da paisagem brasileira. E as outras músicas mostram cada detalhe do ambiente em particular.”

Outro recurso que utiliza close:

“O close é a situação extrema, é aquilo que ninguém vê, normalmente, porque ou é muito pequeno, ou está muito distante. (...) Então o close é muito importante para trazer a intimidade da vida dos bichos para a apreciação da pessoa. Aquilo que ele (espectador) não consegue fazer na natureza, eu estou tentando fazer para ele. E quando ele entra na intimidade da vida do bicho, ele se sente participando da coisa...”

Sobre isto há também referência na resposta do aluno (sujeitos 3):

“A sensação de estar presente no filme, ou seja, que seu estivesse ali apreciando, analisando e pensando no que a gente pode fazer para que cada vez mais nós possamos ver isso no nosso dia-a-dia.”

Ainda sobre o close (sujeito 2) diz:

“ele (espectador) vê uma abelha ali cavando o chão para pegar um barrinho, para fazer uma casinha.....ele fala: puxa, como é bonito, olha o bichinho trabalhando!... eu já ganhei o sujeito, quer dizer, eu já trouxe ele pro lado da questão ambiental, ele já virou um defensor da natureza sem querer, porque ele já está apreciando aquilo, já está dando valor para aquilo. Então eu acho o close essencial para trazer a intimidade do bicho para a pessoa apreciar.”

Nas falas dos sujeitos 3, podemos identificar que as estratégias de close alcançam sua intenção, trazendo mais que intimidade com a vida do bicho, pode provocar também uma sensação de identidade do trabalho que o animal desempenha com o trabalho humano:

“Para mim eu achei que o filme mostrou que a vida dos animais e dos insetos não é muito diferente da nossa, como por exemplo o trabalho que eu vou ter um dia, que os meus pais estão tendo e a vida como ela é.”

1.2. Com respeito ainda à face de referência, agora no modo existencial (sujeito 1), o videasta (sujeito 2), se refere à duração do vídeo e faz uma análise de como este poderia ser utilizado:

“Para quem está acostumado a assistir documentário dirigido, onde o texto explica aquilo que está sendo mostrado, este vídeo pode ser um pouco difícil de entender numa primeira leitura, mas como ele é bonito e cada vez que você vê, você descobre coisas novas....este é também o propósito, a pessoa ver várias vezes...e eu nem recomendo ver todo ele de um vez....ele é muito longo, é uma hora...então eu acho, que o vídeo tem que ser visto aos poucos,

“você vê, vamos supor, duas músicas e pára, deixa para assistir amanhã, mais duas músicas, noutro dia, mais duas música....reveja a primeira música....inclusive o bom seria poder ver em ordens diferentes (o vídeo não dá porque a seqüência acaba sendo linear)”

Esta questão foi explorada por nós quando perguntamos para os alunos, como o vídeo poderia ser utilizado, no entanto nas respostas encontramos apenas uma referência ao tempo de duração, relatando que este poderia ser mais longo.

1.3. Outra categoria do signo, na face de referência é o modo genérico (sujeito 1), sobre a classe de vídeos informativos, na qual o vídeo poético se insere. Neste caso Santaella, (2002, p.123) enfatiza: “O vídeo poético cujo exemplo encontra-se em Paisagem Brasileira, de Haroldo Palo Jr., está carregado de intenções artísticas. Seus procedimentos de linguagem e os recursos vídeográfico de que faz uso exaltam, em uma sinfonia visual e sonora, a exuberância das formas multiluzcor e dos ritmos vitais da natureza”.

Assim o sujeito 2 tenta classificar sua obra:

“Ele é um vídeo lúdico, não é um vídeo que tenha a característica do documentário, também não é um vídeo que pretende ensinar sobre biologia, apresentar conceitos. Ele tem apenas a intenção de emocionar as pessoas, de fazer com que as pessoas vejam como é bonita a natureza, como a natureza é harmoniosa, como tudo funciona de uma maneira organizada...”

Ainda para classificá-lo como vídeo de sensibilização, (sujeito 2) usou estratégias referentes tanto à escolha de imagens de natureza, como o recurso da música, ou seja, qualidades (segundo a semiótica). Isto demonstra que as categorias dentro da face de referência, relacionadas às características internas do signo, ou seja, quanto aos quali, sin e legi-signos, de certa forma, interagem:

“E eu obtive respostas deste tipo né, comentários de pessoas que se emocionaram com o vídeo, outros usam o vídeo como relaxamento, quando ele está cansado, estressado, ele vai lá e assiste ao vídeo, porque ele viaja, ele esquece da vida, ele simplesmente não pensa mais nos problemas dele. E com certeza isto tem a ver com as imagens da natureza, porque se eu tivesse a mesma música e fizesse um vídeo sobre pessoas na cidade, mesmo que eu estivesse contando uma história que fosse leve, é completamente diferente...”

O potencial poético do vídeo, certamente promove reações nos espectadores que pode ser identificado na fala do sujeito 2, no entanto nesta categoria que analisa o que é inerente ao signo, não há ainda apontamento pelo sujeito 1 sobre o interpretante, que será exposta mais adiante.

2.1. Nesta análise da edição, a música e imagem são, sobretudo, uma forte evidência do aspecto icônico do vídeo como afirmou Santaella (2002), o qual está inserido na face de significação. O signo é em si mesmo um quali-signo, na sua relação com o objeto ele será um ícone. No trecho do sujeito 2 observamos esta intenção:

“Bom, em cada música eu editei a seqüência muito em função mesmo do ritmo da música, da melodia. Se a melodia tem um crescente mais de emoção, mais forte eu reservei para aquele momento as cenas mais dramáticas, as cenas fortes também (...)eu tive que conduzir a edição para que a história fosse levando o ritmo para aquele momento culminar com aquele clímax mesmo.”

2.2. Passando para a categoria do índice, as características do vídeo quanto a este aspecto, mostra a natureza como ela é, no entanto recortada do todo que representa a realidade (sujeito 1). Com relação a isto o sujeito 2 diz como retrata esta realidade:

“Eu não gosto de confrontar a degradação ambiental com a beleza natural de um lugar preservado. Eu acho que a degradação nós já estamos muito acostumados com ela. Vivemos a degradação em torno de nós o tempo todo...basta você estar em uma cidade, onde você tem problema de lixo, problema de esgoto não tratado, erosão, desmatamento, ocupação de áreas indevidas. Você não precisa colocar em um vídeo deste que o planeta está ameaçado, todo

mundo sabe. O que gosto de fazer nestes trabalhos é colocar exatamente o que é difícil de ver hoje em dia, que é o lugar preservado. Faço maior esforço possível para ir lá no mato, fazer uma cena onde não apareça nenhuma interferência humana, nenhuma árvore exótica, nenhum ser que não seja daquele lugar e que não esteja em sintonia com o lugar. Então tenho todo este trabalho, não vejo razão para colocar o que o homem faz de errado em contraponto.”

Fica claro neste trecho que o aspecto indicial, ou seja, o recorte que cada profissional faz da realidade, na nossa análise, está intimamente relacionado com o seu próprio olhar artístico, com o que o diferencia dos demais.

Esta visão fica mais evidente, nas falas dos sujeitos 3. Parece que este aspecto foi tão forte que a grande maioria dos alunos apontou, por exemplo:

“(...) pela primeira vez, eu vi os animais felizes em seu ambiente natural, sem a intervenção do homem.”

Outros, porém, relataram, por exemplo, que:

“minha opinião é que só mostrou o lado da natureza preservada, não mostrou que o homem faz com a natureza, destruindo matas, poluindo rios, etc.”

Fazendo alusão a este tipo de interpretação do espectador, sujeito 2 comenta:

“Se ele (espectador) chegar à conclusão que a realidade não é exatamente como aparece no vídeo, ele já entendeu alguma coisa, ele já entendeu que pelo menos é difícil encontrar hoje, um lugar preservado...primeira mensagem do vídeo, porque, onde que está este lugar que o vídeo mostra? Isto existe ainda, ou não existe mais? Isto é cinema, é feito em Hollywood ou é de verdade? Que dizer, se ele já pensou sobre isto, ele já está querendo aprender, ele já está querendo descobrir, já está querendo se informar, já cumpre um papel.”

O papel que o filme se presta, ou como pode ser usado segundo a fala, será analisado na face de interpretação.

2.3. Por último na face de significação, o aspecto simbólico relacionado basicamente às questões de valores e condutas individuais e coletivas a respeito do meio ambiente, aparece na análise semiótica numa perspectiva mais geral da Educação Ambiental. As referências sobre este assunto que sujeitos 2 e 3 fazem ficam melhor inseridas e analisadas na face de interpretação, exposta a seguir.

3.1 Sobre o interpretante imediato, ou seja, a respeito do público alvo (sujeito 1), sujeito 2 diz:

“Não tive a intenção de fazer este vídeo para um público determinado, acho que desde a criança até o adulto absorvem bem o vídeo, mas este vídeo emociona mais os adultos do que as crianças, porque a música de Marcus Viana é sofisticada, é uma sinfônica, muito elaborada para um ouvido de criança. A criança se identifica muito bem com as imagens de natureza, mas a música é muito pesada. Então acho que o adulto consegue se envolver muito mais com este vídeo do que o jovem.”

De acordo com esta explanação, justifica-se a escolha do público alvo envolvido nesta pesquisa. Dentre os adolescentes do programa, os que assistiram ao vídeo, pertenciam ao grupo mais antigo do projeto.

3.2.1. No nível do interpretante dinâmico, o qual é subdividido em três tipos de efeitos: emocional, energético e lógico, (1) analisa a reação concreta que o vídeo provoca no espectador. Com relação ao efeito emocional, este vídeo está carregado de intencionalidade (sujeito 1). Na fala do sujeito 2, quando se refere ao potencial de interpretação, ou a intenção de emocionar o espectador, fica claro este aspecto:

“Este vídeo pode ser uma ferramenta de vídeo didático, mas eu acho que ele tem que ser usado como ele é mesmo, como ele foi feito, para emocionar, muito mais do que para ensinar coisas lógicas, por exemplo, para evolução, adaptação, cadeia alimentar, não interessa nada disto.”

Esses sentimentos foram evidenciados com grande frequência nos depoimentos (sujeitos 3), por meio de palavras como:

“Emoção, paz, amor, vida, alegria, alívio, bem-estar, tranquilidade”.

Respondendo a questões sobre o tipo de uso deste vídeo, sujeito 2 nos dá uma evidência comentando:

“Obtive respostas deste tipo, comentários de pessoas que se emocionaram com o vídeo, outros usam o vídeo como relaxamento, quando ele está cansado, estressado, ele vai lá e assiste ao vídeo, porque ele viaja, ele esquece da vida, ele simplesmente não pensa mais nos problemas dele.”

Sobre o relaxamento, além de observarmos que durante a exposição do vídeo alguns adolescentes dormiram, ainda relataram que:

“Eu me senti relaxado por que o filme é calmo e relaxante por mostrar os animais e belas paisagens.”

“Legal, você vê a vida de outra forma, além de você ficar calmo, tirar aquele peso dos seus ombros.”

“Me senti muito bem, apesar, que no meio eu dormi.”

Uma questão que foi identificada por nós como forte exemplo do efeito emocional foi a liberdade. As imagens de revoada de aves, de animais em seu habitat natural suscitaram tal valor:

“A natureza poderia ser igual aos pássaros, todos soltos, não presos em gaiolas”

“Eu senti uma grande liberdade que os animais tem para caçar, voar, etc”.

“O filme nos passa que os animais têm que viver livres, por que eles não podem viver presos, se não esses animais morrem por que estão presos”.

Referindo-se à filosofia de Peirce, Santaella (2002) coloca que para este a ética não é entendida meramente como uma doutrina do bem e do mal, ela é o movimento, uma força da nossa vontade para que atinjamos a estética. “O fim último da ética reside, portanto, na estética. O ideal é estético, a adoção deliberada do ideal e o empenho para atingi-los são éticos. A adoção do ideal e o empenho para realizá-lo, sendo deliberados, dão expressão à nossa liberdade no seu mais alto grau”. (SANTAELLA, 2002, p.131)

Quanto à estética, esta é um estado de coisas que são admiráveis por si, sem qualquer razão ulterior. “O que é admirável não pode ser determinado de antemão. São metas ou ideais que descobrimos porque nos sentimos atraídos por eles, empenhando-nos na sua realização concreta”. (SANTAELLA, 2002, p.131)

Desta forma, temos a tendência em concordar com o que é digno de admiração sendo assim éticos.

Levando em conta o exposto acima, faz-se uma leitura com relação às questões da preservação ambiental. Segundo Santaella (2002), os vídeos que mostram a força natural da exuberância da vida, o fazem não somente porque é bela, mas sim porque ela é digna de admiração, e ainda, “Proteger a Terra é um ideal que se prova antes de tudo admirável. Ideal que nos atraem, fisga nossa vontade conduzindo a direção do nosso empenho ético”. (SANTAELLA, 2002, p.133)

Nos depoimentos dos adolescentes, ética e estética também estão presentes:

“Muitas pessoas maltratam e destroem a natureza sendo que ela é muito bonita”.

“A natureza é vida, é a fonte do sustento animal e humano, preservar a natureza é ascender a chama da vida e da liberdade, a natureza é perfeita”.

“A natureza que sempre foi linda, mas a cada ano vai sumindo pouco a pouco, por isso que nós os humanos não devemos desmatar a natureza”.

Além disso, alguns justificam a preservação ambiental pelo fato de que a natureza seja criação divina:

“Senti uma sensação muito triste de saber que no Brasil tudo está por se perder, por não ter amor à natureza. Tudo porque tudo que meu, nosso Deus fez é bonito e bom, mas o homem não valoriza”.

“Senti uma grande alegria em saber da perfeição de Deus em sua criação, o quanto o nosso Deus é sábio. Devemos preservar o que Deus fez”.

Nestes trechos os adolescentes atribuem a Deus o fato da natureza ser bela, portanto a razão do cuidado com a Terra e manutenção de sua “perfeição”. Em nossa análise a questão religiosa pode ter aparecido porque esse grupo pertence a um projeto social, onde além de terem atividades profissionalizantes, participam de atividades de vivência. Esta última abordada a questão do convívio com o outro, da conduta individual em sociedade, atividades que constituem as questões religiosas. A instituição tem como organizadores ‘Irmãs’ da Fundação do Sagrado Coração e até mesmo as atividades de Educação Ambiental podem trazer valores religiosos e do criacionismo.

Outra análise que fazemos é com relação à música Ave Maria tema da última parte do filme. Neste capítulo as imagens do esplendor da natureza, como, por exemplo, o vôo de aves, compõe a música que é cantada por uma criança. Mesmo que não tenha sido proposital por parte do autor do vídeo, essa edição pode ter evocado nos adolescentes a relação divina.

3.2.2. No nível do interpretante dinâmico, o efeito energético seria o próximo nível de realização. Ocorrendo a sensibilização (efeito emocional) é quase que imediato a convocação para a ação. Santaella (2002, p.134) diz, “Ficarmos expostos às pulsações da Terra viva em oposição às imagens da paisagem degradada pela ignorância, egoísmo, brutalidade e ambição dos seres humanos já contém em si uma eloqüência própria e um gérmen educativo que cumpre ser explorado”.

Nos trechos citados anteriormente o sentimento causado pelo belo, ou atribuição a criação divina provoca energia intelectual que gera reflexão em favor da preservação. O vídeo Paisagem Brasileira, mesmo não tendo discurso convocatório, pois se utiliza somente de música e paisagens naturais parece despertar um ideal admirável que nos motiva para a responsabilidade ética.

Sobre isto sujeito 2 fala:

“Eu acho que o vídeo, de certa forma, causa uma mudança nas pessoas, depois que ele assiste e vê toda esta beleza, toda esta harmonia, ainda mais associada com uma música bonita, ele muda, ele no mínimo pensa mais sobre a questão ambiental, ou ele acaba tendo vontade de ir também vivenciar esta experiência de estar lá no lugar, tudo isto eu creio que provoca nas pessoas”.

Isto se comprova nas falas dos sujeitos 3:

“O filme mostrou lugares que eu nunca imaginava que existiam, e também mostrou que se todo mundo preservar estes lugares maravilhosos, eles nunca irão acabar”.

3.2.3. O terceiro efeito, do nível do interpretante dinâmico é o lógico. Neste o interpretante alcança uma dimensão de ação efetiva, onde há de fato internalização da mensagem que o vídeo tem a intenção de transmitir. No entanto, em se tratando de um vídeo essencialmente poético e, portanto, de sensibilização, como já foi demonstrado, este avanço do conhecimento não pôde ser testado. As questões que apareceram nas falas dos sujeitos 3 sobre o papel do cidadão na contribuição com a preservação ambiental parece que muito está relacionado às concepções prévias dos adolescentes. Cremos que a questão ambiental principalmente a preservação e extinção de animais aparecem mais como uma repetição de conceitos tão amplamente discutidos e banalizados nos discursos sociais da atualidade, do que realmente uma conscientização e internalização de valores de cidadania e respeito à vida.

Dessa forma não é papel do vídeo, mesmo tendo suscitado um primeiro olhar sobre atitudes humanas, transformar para a ação. Como já foi dito por sujeito 2:

“Este vídeo pode ser uma ferramenta de vídeo didático, mas eu acho que ele tem que ser usado como ele é mesmo, como ele foi feito, para emocionar, muito mais do que para ensinar coisas lógicas, por exemplo, para evolução, adaptação, cadeia alimentar, não interessa nada disto”.

3.3. Por último, no nível de interpretante final, onde o receptor consegue alcançar a máxima interpretação que o signo pode provocar, não foi objetivo desta pesquisa chegar a este nível. Qualquer estratégia didática não deve se esgotar em si mesma e sim ser parte de um processo educativo, ou estimulador para busca de conhecimento que pode contribuir na construção para transformação. Para educação ambiental, a sensibilização como primeiro motor é uma estratégia muito utilizada. Segundo Santaella, (2002), “O vídeo, não pode realizar sozinho a tarefa educativa e emancipadora, pois, para isto, ele deve ser contextualizado com sabedoria. Há nestes vídeos, entretanto, um bom começo para a descoberta de que a natureza não é apenas nossa mãe, mas deve ser também nossa filha”.

Cabe lembrar ainda que uma questão que se faz necessária na abordagem educativa ambiental, é uma visão interdisciplinar e integradora na relação homem-natureza. O social, econômico e político são dimensões que devem estar presentes neste contexto. O homem e sua cultura são elementos históricos e determinantes no trato com o ambiente. O homem deve ser integrante dessa natureza, situado no mundo, na história e na linguagem e não como um sujeito senhor de si, separado dos objetos. (GRÜN, 1996).

CONCLUSÃO

O vídeo Paisagem Brasileira de Haroldo Palo Júnior foi considerado, tanto pela análise semiótica, quanto pela do próprio autor e ainda pela impressão dos adolescentes, um vídeo poético, emotivo e relaxante, respectivamente. Nesta perspectiva este material foi caracterizado por nós como um instrumento de sensibilização. Como se trata de um vídeo editado com imagens musicadas e principalmente por serem imagens de natureza, o fator emoção, que é o componente forte desta obra, está intimamente ligado com sensação de beleza e harmonia que a natureza pode nos provocar. Essa provocação foi detectada nas diferentes visões analisadas neste trabalho, e considerada como fator de motivação para ação intelectual, de reflexão, sobre a problemática ambiental.

No entanto, não podemos afirmar que este material tenha atingido a máxima interpretação de seu signo pelos espectadores, ou seja, que tenha atingido o nível do interpretante dinâmico, o efeito lógico e nem mesmo o nível de interpretação final. Acreditamos que a intensidade de sensibilização, dependente do potencial intrínseco do instrumento e da forma como é utilizado, é também responsável por este fator.

Tendo como norteador a metodologia semiótica, pudemos constatar que houve referências que se aproximaram das categorias últimas de interpretação. Neste sentido alguns adolescentes citaram a preocupação como a problemática ambiental. Esse fato nos leva a crer que a intensidade ativadora dos sentidos foi suficiente para que houvesse esse envolvimento intelectual. No entanto, é preciso lembrar que esses níveis correspondem a uma reflexão mais profunda do espectador, que leve a uma posição de agente e de ator participante do contexto ambiental atual. Para que haja este avanço propomos que esses apontamentos sejam objeto inicial no processo educativo. É essencial, na nossa visão, partir deles para uma ação pedagógica mais aprofundada que contribua na construção de conceitos tanto ecológicos, como de uma concepção mais ampla do ambiente. Com relação a este último, é preciso abordar a relação homem-natureza, colocando o primeiro como elemento integrante do meio em um papel complementar e não superior.

Para que isto se efetive, é necessário que este material seja realmente utilizado de acordo com seus princípios internos, ou seja, como introdutório na prática educativa. Cabe ao professor, no contexto escolar, fazer uso correto de instrumentos, não esgotando no mesmo a capacidade interpretativa do tema. É necessário que atividades complementares sejam realizadas, buscando o conhecimento significativo por meio de outros materiais didáticos, novas abordagens pedagógicas e participação efetiva, através de práticas, como: visitas no ambiente natural e no ambiente urbano do entorno para compreensão das concepções ambientais dos alunos e assim desmistificação dos conceitos equivocados; atividades manuais de horticultura, reciclagem; dinâmicas de sensibilização e motivação; observação da atuação da sociedade frente ao ambiente; resgate do conhecimento popular e modificação do meio na história da humanidade; influência da diferentes culturas, no modo de inserção do homem no ambiente; a abordagem dos temas da saúde, como a qualidade de vida, auxiliando na relação harmoniosa com o meio; etc. Essas atividades podem e devem permear as diferentes disciplinas do currículo escolar. É possível conversar com todas as áreas do conhecimento a partir de uma gestão educativa, que tenha como característica o esforço docente atuante, coletivo e integrador.

Parafaseando MORAN, o indivíduo *lê, pensa, reflexiona e pode chegar a agir, vendo*.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: meio ambiente e saúde**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. 128 p.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1997. 125 p.

DIAS, G. F. **Educação ambiental: princípios e práticas**. 6º ed. São Paulo: Gaia, 2000. 551 p.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária**. Campinas. Papyrus. 1996.

MORAN, J. M.; MASSETTOMORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. 3º ed. Campinas: Papyrus, 2001. 173 p.

SANTAELLA, L. **Semiótica aplicada**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. 186 p.

SATO, M. **Educação Ambiental**. São Carlos: RiMa, 2003. 66 p.